

Uma voz que não se perdeu no deserto



"Sinto saudades quando falo em Raimundo. Ele foi amigo. Sempre quando ele vinha a Mossoró nas festas de 30 de setembro, e a nós encontrávamos na Pra. a da Redenção. Ele sempre me trazia presentes, cada brinco enorme. A gente tem muitas coisas pra dizer dele, mas ficou emocionada. Ele foi um grande professor, foi meu professor, intelectual, poeta"

Maria Lúcia Escóssia
Diretora do Museu Municipal Lauro da Escóssia

"Éita caraqueiro de Deus. Sustente os queixos senão são eles que cairão nos pés."

Não se espante; não pense que o alma do outro mundo; é apenas um veio teimoso que não se entrega a qualquer pra a da polícia do céu. Quando deparei com "As mais belas histórias de Macaíba", dei um pinote, tomei uma lata de espinafre tirada da sacola do Popeye, dei uns quatrozinhos na mente dizendo: larga esta preguiça e vai lá. Diga aquele jagun e que vou topa a parada. Não vou ficar nessa passadeira a vida inteira catucando sem dizer nada. A Macaíba de Enoch Garcia, dos mesquitas, dos tatis negretes Eloy, Henrique e Aurta, dos Freitas e dos Leitões a Macaíba do meu velho amigo Estevam Dantas, a Macaíba que tem cheiro de mangue, a catina de arauá estava mesmo precisando de um historiador gaiato com o tempero do fofoleiro. Ah, como gostaria de morar naquela Macaíba e viajar para Natal um bacurinho de pai - torto singrando as águas cor de bunda suja do 'anado potengi' - perdido Palmira".

Antônio Azevedo Guerra
Natal, 23 de maio de 1986

"Meu prezado mestre!

Neste mês, estou me lembrando de nossas viagens Serra de Martins, quando você se dirigia a velhos amigos perpetuados no bronze, como se estivessem vivos. Achava muito interessante. Hoje, estou imitando com esta carta. As nossas conversas por carta bem dizem da nossa amizade. Você foi meu professor desde meus dez anos de idade. Primeiramente, na Escola da Sociedade Artística "Liga Operária". Como estudante pobre não podia frequentar colégio. Com treze anos, matriculei-me no Grupo Escolar "30 de Setembro", onde você era professor.

Estive recentemente em Mossoró. E lá, fico na esperança de ver seu nome difundido pelos educadores atuais, e que os alunos descubram que, como professor de várias figuras da política e da educação, seus ensinamentos se perpetuam.

Raimundo Nonato não envelhece. Isto de peso dos anos, no seu caso, parece não significar coisa alguma. Aquele jeito de burguês cheio de saúde, risonho, a palavra (ou palavra) sempre fácil, o cabelo cortado geralmente à escovinha, como o faziam os jovens de algumas décadas, e o passo sempre vagaroso, como quem não tem nenhuma pressa de chegar, tudo faz de Nonato uma figura sem par. Há poucos dias esteve aqui novamente. Veio como sempre rever Mossoró e atualizar-se sobre a cidade. Não quer isto dizer que no Rio, onde reside, não receba nunca notícias de cá.

De tudo quer saber, e com minúcia de detalhes, com precisão, com rigor. Porque esta incessantemente a escrever sobre Mossoró ou sobre esta região do Rio Grande do Norte, e não deseja que, nos seus relatos, algo saia em desacordo com a verdade dos fatos. Sua obra hoje é das mais vastas, e certamente em quase toda ela se fala da gente, dos episódios, das cores deste lugar, inclusive acontecimentos aparentemente sem significado que somente sua memória poderia guardar.

Do ponto de vista literário, não é fácil classificar Raimundo. Na verdade, é ele um admirável historiador, um excelente cronista, cuja ca-

pacidade para fixar datas, ambientes, caracteres e comportamentos humanos, parece inextinguível.

Não pretende ocupar-se de ficção. Quer antes ser o escritor fiel no registro da vida, das aventuras, do heroísmo e das glórias da sua província. Nada quer inventar ou falsificar. Antes preocupa-se em transpor, para os livros, os modismos das gentes, a paisagem de sua terra, os acontecimentos do cotidiano que vão enchendo os nossos dias. Por isto sua obra contém, hoje, material inestimável para o futuro historiador, o futuro estudioso da sociedade desta área do Rio Grande do Norte, que afinal nenhuma importância teria, não fora o carinho e mesmo a obstinação com que a tem retratado, em livros sucessivos, o escritor Raimundo Nonato.

Raimundo Nonato chega com sua memória fabulosa e sua paixão por Mossoró para proferir conferências sobre o nosso passado. Ele desse da viatura que o traz com o semblante mostrando a satisfação de quem faz uma viagem de volta com vontade de chegar. Para todos que vai encontrando tem o abraço largo e a saudação humorada de quem não consegue reprimir o júbilo pelo reencontro com a terra e os conhecidos. Com os mais velhos, o diálogo gira sempre

sobre nomes de vultos de outras épocas, que encheram de curiosidade o menino ou adolescente Raimundo Nonato, estudante da Escola Normal e mais tarde professor de português, que muitas gerações conheceram.

Pode-se pensar que desde aqueles anos já Raimundo andava de lápis e papel à mão tomando notas para o futuro. Mas o certo é que o que ele diz, o que rememora, seja nas conferências que profere, seja nos artigos de jornal ou nos livros que escreve, é tirado principalmente do fundo da memória que possui, do arquivo que ela é, onde nada parece se perder ou definir.

Na verdade, ninguém terá memória mais firme, nem capacidade maior para reproduzir, seja palavra oral, seja quando põe as palavras no papel, acontecimentos ou feitos do passado. Escutá-lo falar é um desses exercícios que todo mossoroense naturalmente só faz com agrado. Porque, falando de Mossoró, Raimundo Nonato abre diante de nós, claro como o dia, o nosso passado mais remoto, e não há quem não se encante com a riqueza de nomes, vultos, fatos e coisas que vão brotando da sua memória, sem dificuldade.

Jaime Hipólito Dantas
(Do jornal "O Mossoroense")

Especial **CENTENÁRIO** RAIMUNDO NONATO DA SILVA

Domingo, 19 de agosto de 2007 - Caderno do jornal - O MOSSOROENSE - Não pode ser vendido separadamente



"Raimundo Nonato, JE o disse, e aqui o repito, O o historiador, o soci logo e o etn - grafo da nossa Zona Oeste. A hist ria que ele estE Fazendo O a Hist ria do Pov: a gloriosa Hist ria do povo. Ninguã procure nos seus livros a cr nica exclusiva das chamadas elites dirigentes, tantas vezes pseudo-elites. Ele trouxe, franciscanamente, cristanamente, fraternalmente, para a Hist ria de Mossor e do Rio Grande do Norte, os homens e as mulheres humildes, que também ajudaram a construir a minha cidade".

Vingt-un Rosado
Santa Luzia do Mossor
17 de fevereiro de 1962

"A agilidade do estilo, a precisã de descriçã dos ambientes, os detalhes da figura grotesca do lobisomem, a fidelidade s fontes orais, fazem desse livro um documento precioso sobre uma crençie que pouco a pouco vai desaparecendo sertão.

Toda a obra de Raimundo Nonato, aliã, está permeada dessas constantes, por isso os seus livros têm a marca do telurismo dos lugares onde viveu o autor.

"Est rias de Lobisomem" O para ser lido nã apenas por aqueles que sabem quanto custa uma pesquisa dessa espécie, mas também pelo leitor comum que vai conhecer, nos arrepios provocados pelas narrativas, os surtilhios da terra e a coragem do homem do Nordeste".

CELSO DA SILVEIRA
Jornalista, poeta e escritor.
"A República", 03 de fevereiro de 1960

"Tenho que acordar e escrever. Raimundo Nonato continua a pontilhar de livros a região por onde andou e eu entendi de ser o escaudo desse cavaleiro andante da nossa literatura provincial. certo que JE recebi algumas pancadas em razão do meu of cio. Mas, quem nasceu com o destino de ser Sancho, tem de ag entar as conseq ũncias dos sonhos e dos combates dos seus elites Don Quixote, que Raimundo pertence a uma legião de homens perdidos nos continentes. Lutando com a paixão do her i de Cervantes pela vida de uma dama que cruzou os bra os dos torvelinho e mergulhou na enchente. Eles lutam pela cristura humana. O os cavaleiros da triste figura dessa Dalcídia afogada, que trazem como lema, do escudo da consciãcia, um vers culo do Talmude: "O homem foi criado como indiv duzão para que subisse que quem suprime

Prefeituras de Mossoró e Martins festejam centenário de Raimundo Nonato

As prefeituras de Mossoró e Martins comemoram o centenário de nascimento de Raimundo Nonato da Silva com programação que começa na terra natal do escritor.

Raimundo Nonato deixou Martins em 1919 fugindo da seca. A história está relatada no livro "Memórias de Um Retirante". A abertura dos festejos no município será às 9h com sessão solene na Câmara Municipal, lançamento do concurso literário que leva o nome do historiador, e da reedição do romance "Quarteirão da Fome".

As homenagens continuam em Mossoró (onde o escritor fez carreira), às 19h30, com a palestra "Vida e obra de Raimundo Nonato" do presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Enélio Petrovich. Antes do coquetel de en-

cerramento, a Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte também recebe a reedição do clássico "Quarteirão da Fome", ponto alto das comemorações.

"As outras obras de Raimundo Nonato foram editadas muitas vezes. Há obras que foram reeditadas até seis vezes. 'Quarteirão da Fome' é o primeiro romance dele, de 1949, e nunca havia recebido uma reedição. O livro era encontrado basicamente apenas pelos sebos. Por isso, resolvemos fazer essa homenagem com a nova tiragem da obra", diz o advogado e integrante da comissão organizadora das homenagens, David Leite.

Lançado pela editora Sarau das Letras, a segunda edição do romance "Quarteirão da Fome" traz prefácio do escritor Cláudio Arcanjo e posfácio do acadêmico e crítico literário Manoel Onofre Jr. Com desenho de capa do



médico João Helder Alves Arcanjo, projeto gráfico do jornalista Tobias Queiroz, a segunda edição do presidente do IH-GRN, Enélio Lima Petrovich.

Professor, juiz de Direito e escritor polígrafo, com vasta contribuição à historiografia e memorialística potiguar, Raimundo assinala a sua passagem pela prosa de ficção com os romances Quarteirão da Fome (1949) e Poço das Pedras (1973), que tiveram suas primeiras edições pela Pongetti, do Rio de Janeiro.

Na bibliografia de Raimundo Nonato existem 30 títulos da série Minhas Memórias do Oeste Potiguar, da Coleção Mossoroense, publicados pela Fundação Vingt-un Rosado. O acervo do escritor inclui ainda monografias e artigos de jornal.

Escritor, advogado, memorialista. Não satisfeito, Raimundo Nonato também se aventurou como poeta e trovador, mesmo que muitas vezes escondido sob algum pseudônimo.

SAUDADE

"Saudade é rosa perdida do jardim do coração, sorriso da bem querida a quem se teve paixão.

Saudade é viver pensando naquele amor que passou é lembrar soluçando as mágoas de quem sonhou.

Saudade é ver do passado as ilusões já desfeitas. É rir, cantar disfarçado Quando se está com suspeitas.

Saudade é gozo esquecido de um bem que já nos deixou, o beijo, o riso sentido de um olhar que nos fitou.

Saudade traz mal-estar à vida do pensador, é coisa que faz matar um coração sofrido.

Saudade é voz que retine no íntimo de quem tem fé. Saudade não se define Pois ninguém sabe o que é."

Publicado sob o pseudônimo de "Mathusalom", no "Jornal das Moas", do Rio de Janeiro de 20 de dezembro de 1926.

REALISMO

"Cada instante que passa neste mundo, mais convencido eu fico que esta vida é simplesmente uma ilusão perdida nas voragem fatal de um mar profundo.

Tudo é miséria neste charco imundo onde somente a dor tem santa ermida. Do doce ponto pó a preferida pois a lama só quer verme fecundo.

Aquele que procura em si verdade representar enfim comédia à parte, tem sempre no sorriso a vilania.

Porque vence quem luta com maldade e o que conquista palmas com mais arte, traz na fonte o labéu da hipocrisia..."

Escrito em 1930, quando morava em Serra Negra, sob o pseudônimo "Petrônio".



OS OLHOS DA MINHA GAROTA

Olhos pérfidos, lindos, tentadores, cheios de tal meiguice e encantamento que aos vãos julgo a vida um mar de flores, sem mágoas, sem tristezas ou desalento.

Olhos perversos, vivos, traidores, recessos alma que não têm tormento, fitando-os, da saudade mato as dores e de beija-los, o desejo alento.

Olhos fatais, divinos, desdenhosos, refugindo ilusões em cada riso travessos, belos, grandes, enganosos.

Olhos fatais de ingrata sedução, onde antevejo em sonho o paraiso do amor a luz, da vida a perdição!"

Soneto encontrado nas páginas de "FESTEIRO" editado em Mossoró de 1928 a 1931.



"HE que buscar na idôlia, no tempo e na emo ão as razões determinantes da asociação ão perfeita entre o homem e o escritor Raimundo Nonato, no plano da ão e do pensamento.

É-ilo, no seu modo de ser - caminhante eterno e responsavel pelo pr prio destino, na dimensão "roseana" de sua vida.

Desde o "cambiteiro de cana nos baixios, tangedorde-boi no pó do Engenho da Marizeira e menino da bagaceira" ao cruzado contemporâneo de todas as idades emocionais, cumpre o seu interio com o "hero smo da coragem", inscrito por Rui Barbosa como legado da grandeza humana.

No reino incontestavel do esp rito, Raimundo Nonato exerce o apostolado da coerência e fidelidade, nos seus passos dominantes de recriado do tempo e das circunstâncias".

João Batista Cascudo Rodrigues - 28.10.81

"Relembrar os nossos historiadores maiores O uma forma de mantermos vivas as suas inteligências.Raimundo Nonato pertence a este grupo de sábios que temos que sempre lembrar, sempre louvar, atã como forma de perpetuarmos a pr pria História da nossa gente."

Caio César Nunes
Editor-assistente da Coleção Mossoroense

"Raimundo Nonato O antes de tudo o companheiro da Escola Normal de Mossor .

Ao vê-lo risonho e franco aos 80 anos, a juventude espiritual constitui a sua marca permanente. A caminhada do peregrino de Martins a Mossor , "descaido e faminto para trabalhar, sorrir e vencer sombra do signo da liberdade, s mbo desta terra" identifica-o com o perfil de pioneiro.

Poucos poderão como ele - ter sido fiéis ao ser her iço que serve de padrão e engrandece a humildade de sua origem.

O tempo de ontem O uma constante em sua alma aberta ao registro das pessoas e instituições de Mossor .

O tempo de hoje representa o coramento de sua vida cheia de saudade e reminiscência. Repleto de emo ão de

O MUNICÍPIO A 1ª ELEIÇÃO EM MOSSORÓ

Em 15 de março de 1852, o Presidente da Província sancionava a Lei que tomou o n° 240. Com suas disposições ficava criado o Município de Mossoró, na província do Rio Grande do Norte.

Passava a ser a 19ª unidade do seu território e da sua divisão político-administrativa.

O acontecimento marcava o começo de uma era nova, cheia de perspectivas e de planos em busca do progresso.

Grandano para Mossoró era esse que se iniciava em 1850.

Na comunidade recém-criada, todo poder político estava em mãos dos sultistas, que vinham no poder como donos da situação desde longos anos.

Não tinham, no entanto, conseguido manter na povoação um clima de ordem e comunidade.

Daí por que, como fez ver o escritor Câmara Cascudo, Mossoró era um terreno baldio, ocupado por valentões desabastados que desciam do Alto dos Macacos (hoje Alto da Conceição), homens atrevidos, agressivos, que traziam sempre o arriado debaixo de um estado de pânico.

Criado o Município, as coisas tinham que mudar de aspecto.

E então surgiu uma figura moça, impressionante liderança, cuja palavra conquistava a confiança dos moradores do arriado e das pessoas dos sítios.

Debaixo de sua orientação, foi se constituindo um grupo para dirigir o novo município. O partido, assim chamado, era chefiado pelo Vigário Antonio

Joaquim Rodrigues e se propunha por um freio nos desmandos cometidos pelos importunos moradores do Alto dos Macacos. E assim, animados pela presença e pela palavra do jovem sacerdote, que considerava uma credencial de valor moral, todos se dispuseram a ajudar-no no trabalho para instituir uma nova ordem para a política local.

Deste modo, para firmar um sentido baseado na lei e dar ao município uma existência legal, foi realizada a primeira eleição para apurar o poder e a força dos dois grupos militantes. Os Norcionistas ou Sultistas - ou sua mais recente denominação - Os Conservadores e os Liberais.

O Partido Conservador tinha como chefe o vigário Antonio Joaquim e o Liberal tinha à sua frente a figura combativa de Irineu Sotero Caio Wanderley.

O pleito realizou-se ainda nesse ano de 1852.

Tomando medidas contra possíveis perturbações da ordem o Pe. Antonio Joaquim convocou o Juiz de Paz do Apodi, que compareceu e instalou a mesa eleitoral, na Igreja Matriz, obedecendo a todas as formalidades determinadas pela Lei.

Não atendendo a essa situação, do seu lado, o grupo dos sultistas, chefiados por Irineu Sotero, reuniu-se com sua gente em outra casa e instalou uma outra mesa eleitoral, também com idênticas formalidades. Essa casa ficava situada nas proximidades da Igreja onde já estavam votando os eleitores dos

Nortistas.

Nesse ambiente, os ventos começavam a soprar tempestade. E quando chegou a hora do entardecer, os ânimos já tinham extravasados todos os limites do bom-senso.

Daí, sem se saber porque, rompeu cerrado fogo dos sultistas contra os nortistas.

A reação como era de ver, não se fez esperar. E dentro da Igreja, o povo do Vigário, respondeu ao tiro com igual violência, travando-se uma fuzilaria de atroar os ares do lugarejo.

Sem dar caso da reação, o grupo de atiradores de Irineu Sotero Wanderley avançava em berros pelo meio da rua tentando entrar na Igreja e arrebatar a urna com os votos e o livro da ata da eleição, no que foi duramente repellido pelos opositores, não conseguindo realizar o seu intento, pois os opositores Nortistas romperam o cerco levando para lugar seguro todo material da mesa eleitora.

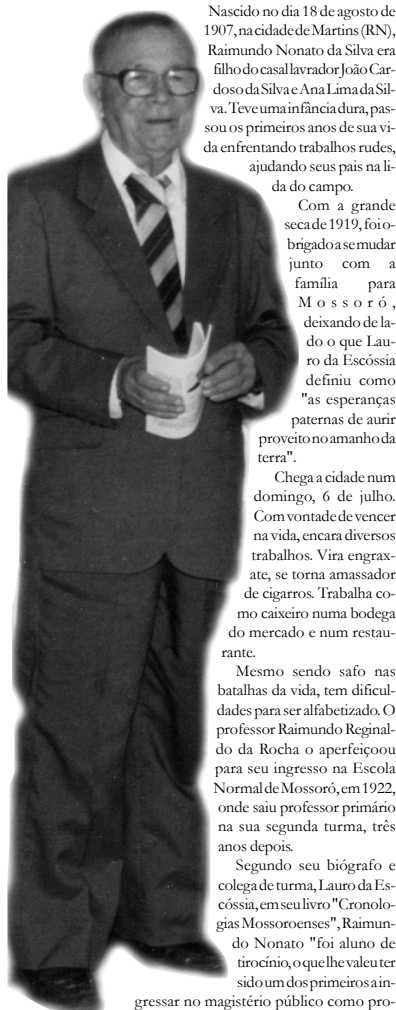
Enfim, depois dos recursos normais para Natal, das marchas e contra-marchas de apuração das responsabilidades pelas ocorrências, o Partido do Padre venceu as eleições.

Estava vitoriosa a política do vigário Antonio Joaquim Rodrigues.

Agora sim, podia-se dizer que os Conservadores iam tirar raízes em Mossoró.

Coisa com que, até certo ponto, muito teria de lucrar a nova administração que se instalava no município.

Pequena biografia de Raimundo Nonato da Silva



Nascido no dia 18 de agosto de 1907, na cidade de Martins (RN), Raimundo Nonato da Silva era filho do casal lavrador João Cardoso da Silva e Ana Lima da Silva. Teve uma infância dura, passou os primeiros anos de sua vida enfrentando trabalhos rudes, ajudando seus pais na lida do campo. Com a grande seca de 1919, foi obrigado a se mudar junto com a família para Mossoró, deixando de lado o que Laurindo da Escóssia definiu como "as esperanças paternas de auri proveito no amanhoda terra".

Chega a cidade num domingo, 6 de julho. Com vontade de vencer na vida, encara diversos trabalhos. Vira engraxate, se torna amassador de cigarros. Trabalha como caixa num bodega do mercado e num restaurante.

Mesmo sendo safo nas batalhas da vida, tem dificuldades para ser alfabetizado. O professor Raimundo Reginaldo da Rocha o aperfeiçoou para seu ingresso na Escola Normal de Mossoró, em 1922, onde saiu professor primário na sua segunda turma, três anos depois.

Segundo seu biógrafo e colega de turma, Lauro da Escóssia, em seu livro "Cronologias Mossoroenses", Raimundo Nonato "foi aluno de tirocinio, o qual lhe valeu ter sido um dos primeiros a ingressar no magistério público como pro-

"Prezado Dr. Raimundo Nonato - Pelas mãos do nosso bom amigo Ant. nio Carlos de Oliveira, tive o prazer de receber o exemplar do seu livro "SERRA DO MARTINS", com um belíssimo dedicatória, que muito lhe agrade o.

Leio sempre com interesse as obras que falam de nossas cidades e do seu elemento humano, pois permitem o conhecimento mais amplo do pa. s. O volume que me ofertou é dos que enriquecem a nossa bibliografia brasileira, pela soma de dados nele reunidos sobre a comunidade martinense. Deus seja, pois, a sua proviziosa atividade intelectual".

Cordialmente,
Carlos Drummond de Andrade
04 de abril de 1978.

"Antes que a lenda processasse a canonizaçã o de um dos nossos mais modernos celebrados, promovendo-o a herói e estrategista das coadinas, e escritos de Raimundo Nonato levanta do esquecimento e das páginas dos velhos jornais da Op a, hist ria desta da fa ania de Virgílio Barreto, no Rio Grande do Norte. Lampião foi uma explosã o da terra, assim com foram Ant. nio Silvino, os Liberais, os Barilheiros, e aquele tipo estranho de "gentleman" criminoso que Gustavo Barbosa retratou na figura de Akilfo Meia-Noite. Comêci Ant. nio Silvino, na Penitenciaría do Recife. E foi ele, certamente o bandido mais cavalheiresco do seu tempo, porque desafiava os raios e utilizava o terror em benefício dos pobres. Sua coragem era mais do que coragem, pois era bravura, que o coragem arrebatada. Lampião era malicioso e covarde. Nunca lutou com os as, com Ant. nio Silvino. Lutava acobertado pelos colheiros e o bilhete atrevido que remetia ao prefeito de Mossoró, nã o era somente um bilhete de quem tinha somente a cobertura de oitenta casaca. Ele investiu sobre a capital do Oeste norte-riograndense com a impunidade garantida por anos e anos de confraternizaçã o do coronel com o cangaceiro. Assentiu nisso até o ultimo dia, e Raimundo Nonato desafia, com documentos incontestáveis, a hist ria que anda por a sobre a tática e a inteligência do cangaceiro de Vila Bela".

Edgar Barbosa
Artigo publicado no O POTT de 09 de junho de 1955.

"Quando me apercebi de Mossoró, estava de bra os dados com a obra de Raimundo Nonato da Silva - O Cangaceiro sem trabucos, como o chamava Raimundo Soares de Brito. Logicamente na lida do canga oi, Jessu no Barilheiro - O Cangaceiro Romântico e Lampião em Mossoró. A ambas sã o obras de suma import n-

Texto de Raimundo Nonato da Silva publicado em REENCONTRO COM AS IMAGENS DO TEMPO II - Coleção Mossoroense - Série "C" - Volume DLXXX - 1990.

Hosanas ao mestre Nonato

Geraldo Maia do Nascimento

Disse o Senhor: "Escreve, pois o que viste..." Apocalipse, 1,19). E o mestre, seguindo as recomendações bíblicas, tornou-se escritor e escreveu sobre sua terra e sua gente. Nada escapou aos olhos investigativos do mestre Nonato. Rafael Negreiros descrevia-o como "infatigável pesquisador da coisa pública, pesquisador de hábitos, costumes, ritos, andante habitual de ruas, vielas, becos, avenidas, alamedas e jardins".

Raimundo Nonato da Silva nasceu em Martins/RN, em 18 de agosto de 1907, num dia de segunda-feira, sendo filho do casal lavrador João Cardoso da Silva e Ana de Lima e Silva. Desde muito cedo começou a trabalhar com os pais na lida do campo. Segundo seu depoimento: "A bem dizer, não cheguei a ter infância, nem conheci a mocidade, pois mal abri os olhos para o mundo, fui logo atirado aos rudes afazeres do campo, no trato da terra, na vida solta, no meio agreste de uma natureza madrastra; a fome rodava por perto, era raro o dia em que o fogo via a panela".

Em 1919, aos 12 anos de idade, era tanguido pela grande seca que assolava a região, descendo a amada Serra do Martins, percorrendo o mesmo caminho de Lampião, até chegar em Mossoró. A "cidade grande" o deslumbra, mas não tem tempo para brincadeiras. Inicia sua vida como engraxate, ocupando também outros subempregos como varredor de hotel, carregador de cadeiras ou qualquer outra ocupação que lhe rendesse algum dinheiro.

Não sabia ler; e foi com muita dificuldade que iniciou os estudos das primeiras letras e noções gramaticais, indispensáveis às necessidades educacionais. Com a ajuda de Raimundo Reginaldo da Rocha in-

gressou na Escola Normal de Mossoró de onde saiu professor primário na sua segunda turma em 1925, já com dezoito anos de idade. Ingressou no magistério público como professor e diretor de Grupos Escolares em São Miguel, Serra Negra, Apodi e Natal, onde serviu adido à Secretaria de Educação do Estado.

Sua atuação, quando fixando residência em Mossoró, foi das mais proveitosas nos círculos educacionais, intelectuais e jornalísticos. Exerceu magistério secundário na Escola Normal, Colégio Diocesano Santa Luzia, no Sagrado Coração de Maria e na Escola Técnica de Comércio "União Caixeiral". Foi colaborador da imprensa local, ora escrevendo artigos, comentários, ora versando com sua revelação poética que somente mais tarde seria descoberta.

Formado em Direito pela Faculdade de Alagoas, ingressou no Ministério Público, sendo nomeado Juiz de Direito da Comarca de Apodi, em cuja função se aposentou. Em 1962 foi morar no Rio de Janeiro, mas nunca esqueceu a sua terra adotiva. Sempre que podia, voltava a Mossoró para encontrar os amigos e rever a cidade, principalmente nas festas de 30 de setembro, que é a maior festa cívica de Mossoró. Além de professor, magistrado e jornalista, tornou-se cronista, historiador, escritor e poeta, possuindo uma bagagem literária que o fez um dos grandes da literatura potiguar.

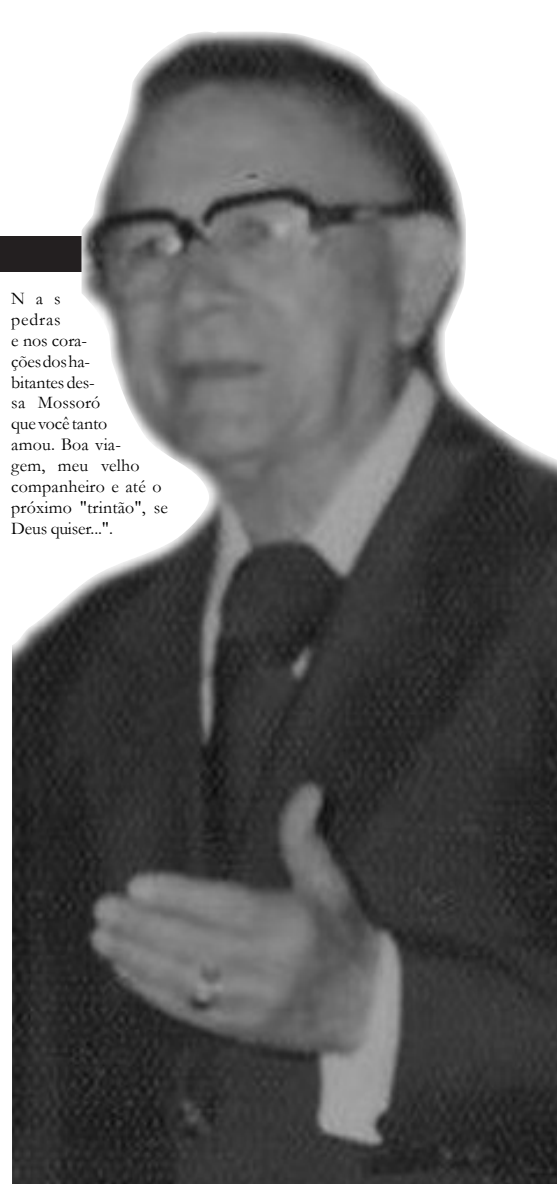
Quando questionado de como tinha se tornado escritor, respondeu:

"Desde do tempo de estudante que eu freqüentava umas pequenas tipografias. Eu vivia lá por dentro e rascunhava umas crônicaszinhas e depois uns jornalzinhos de festas, levando pancada e bengalada, porque a gente bolia com os namoros,

depois dentro do próprio Mossoroense com outro jornalzinho, depois dentro do Correio do Povo, com jornal mais sério, "O Correio Festivo", com o Américo de Oliveira Costa, onde nós fomos ameaçados de umas pauladas, por termos bolido com o namoro de alguém e o Américo foi procurar o Juiz para garantir. De forma que vem desse tempo o começo. O livro, crônicazinha, livro mesmo sério, eu publiquei o meu. Sério é a forma de dizer quando publiquei o "Quartirão da Fome".

Raimundo Nonato era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Academia Nortero-grandense de Letras, Federação das Academias de Letras do Brasil, Instituto Genealógico Brasileiro de São Paulo, Associação Brasileira de Escritores, Sindicato dos Advogados do Brasil, Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro, Associação dos Professores do Rio Grande do Norte, Associação Brasileira de Imprensa, Sindicato dos Jornalistas Liberais da Guanabara, Sociedade Brasileira de Folclore de Natal e Instituto Cultural do Oeste Potiguar de Mossoró. Deixou mais de oitenta livros publicados de fundo literário, histórico e biográfico.

Morreu no Rio de Janeiro em 22 de agosto de 1993, quatro dias após seu aniversário de 86 anos de idade. Num artigo publicado em 30 de setembro daquele ano, intitulado "Bilhete a Nonato", o historiador Raimundo Soares de Brito se despede do amigo dizendo: "Enquanto houver um 30 de setembro, você estará aqui conosco marcando presença em espírito na memória dos seus amigos que são inumeráveis. Ficará para sempre porque você deixou o seu nome indelevelmente gravado nas pedras das ruas de Mossoró.



"Raimundo Nonato da Silva escreve suas 'Memórias de um Retirante'", procurando vivência nos fatos de sua infância e juventude parece e cheia de esperanças e o livro merece toda consideração da crítica pela sinceridade, pelo valor humano, contendo social e pureza de linguagem. Uma história verdadeira, vivida pelo autor nos nossos sertões adustos. A sua história poderia ser escrita por milhares de nordestinos com a mesma intensidade humana nas mesmas circunstâncias e com a mesma grandeza. Uma história de um homem que venceu todos os obstáculos que lhe antepunham e que para relatarlos na separação do tempo que uma dose de humor na apreciação de fatos e personagens".

Miryam Coeli de Araújo
Itaculador, poeta e jornalista -
"A República" de 01 de junho de 1958

"Foi-me no livro do eclesiástico (VI, 14) que quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro".

Em Raimundo Nonato encontrei um amigo. E essa preciosa amizade, cultivada há quatro décadas (desde quando nos conhecemos em Mossoró), tem-se mantido fiel a despeito do tempo que tudo desgasta e do espaço que por vezes, nos separa. Que ela a tudo se sobrepe, alteira em sua elevação moral e firme em suas bem fincadas raízes.

Como admiro, admirei e admirarei, sempre, esse rebocho de boa copa nortero-grandense! De tudo pode ele descrever, menos da amizade, pois tem o dom de a fazer, como raras e o de a conservar como poucos. Comprevo-o o vasto currículo de suas magníficas relações.

O nome, de origem grega (Raimundo), significa "aquele que o intelecto protege" e ele tem vivido, sempre, sob o escudo protetor de sua inteligência.

Dotado de invulgar força de vontade e do ideal leonino de lutar e vencer, conquistou, com firmeza e decisão, seu lugar no sol. E tornou-se algaúdo, mas sem esquecer sua gente, sua origem, sua terra pequenina".

Jorge O'Grady de Paiva -
Alocação na missa em ação de graças pelo transcurso dos 70 anos de Raimundo Nonato, em 18 de agosto de 1977

"Raimundo Nonato é uma figura que tem que ficar marcada na memória do povo nortero-grandense porque ele foi um homem que levou uma vida cultural extraordinária. Começou sua vida de um simples engraxate aqui em Mossoró e desenvolveu na educação, na justiça, as atividades profis-

"Hoje é o dia consagrado a Raimundo Nonato da Silva.

O professor, o orador, o jornalista, o romancista, o memorialista, o jornal diário octogenário. Mossoró sua pátria de adoção, mais dizer-lhe de público o que há muito sente por ela. O respeito, a admiração, a estima. Raimundo Nonato merece tudo de todos. Merece Mossoró.

Em casa, no setor que trabalhou, trabalhou bem. Serviu a Mossoró, a várias gerações, cultura. Costumo dizer que Raimundo Nonato come ou a cortar a rossa história e fez-se a memória da cidade. Seu escritor. Às vezes, muitas vezes, seu intérprete. Foi meu professor, meu leitor de tudo quanto escrevi, seu admirador e seu amigo.

Também me considero em festa com a festa de Raimundo. Porque é festa de justiça, direito seu. Mossoró seria ingrata se não cantasse seus grandes homens. Raimundo Nonato é um deles. E tem o privilégio, Deus o abençoe, de testemunhar o apreço de sua gente".

Dorian Jorge Freire
18 de agosto de 1987

"Raimundo Nonato é um nome que, mesmo sem querer, ligamos logo a Mossoró. Pois ele tem sido um admirável memorialista e cronista de Mossoró, dos seus grandes homens, de sua paisagem fascinante. Um escritor que não descansa. Quando Vingt-Un chega com a sua descaída e publicidade, há sempre um livro de Nonato. E que livro!"

Nilo Pereira

Jornal do Comércio - 16 de agosto de 1986

"Raimundo Nonato da Silva cortou o umbigo em 18/ago/1907, na Frenocida da Serra do Martins - RN. Demorou, já talado, ouviu a sentença na terra que tem bom nome quem não trabalha não come". Daí, cambitou casa para arrinho de rapadura e berba para casa de farinha, na jornada que principiava com a madrugada (dia) e se espalhava até o sol se por (18h). Ganho, seis-tantos-dias (600rs) e dois cruzados (800rs) na safra grande. Na seca de 1927 desceu no rumo das pancadas do mar. Esbarrou em Mossoró. Cidadão de casa caída e igrejas de duas torres, onde corria duridão. Aí, foi engraxate, lavador de loiá no Restaurante 12 Anos, vendedor de pão e ajudante de bodega no mercado público. Incabelando, já palrando de 14 anos e ainda ferica e gloriosamente analfabeto, atestou mestre Cascardo. Desarmado na Escola Noturna Dr. Paulo de Albuquerque, entrou para Escola Normal, onde saiu professor em 1925?

Daí, ensinou em bem uma dúzia de escolas, do alto sertão as beiradas do mar. Em 1925, recebeu o comando de Bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Alagoas. Em 1927, Juiz de Direito da Comarca de Apodi RN. Escreveu e escreveu na imprensa da província e, de 1951 para cá, publicou